



passagem pelo local requer muita coragem e audácia dos cavaleiros. Mas nós não temos medo de visagem, caipora, mula sem cabeça e outros bichos que o folclore do mundo sempre valorizou para amedrontar os incautos.

Os Cavaleiros da Luz são muito protegidos pelas forças espirituais por atuarem na área perigosa do umbral. A claridade própria que emana de cada Espírito guerreiro os protege de qualquer ato de violência que intentem contra eles.

A caravana seguia em frente ouvindo os lamentos dos Espíritos sofredores que uivavam de dor e desespero enfiados em tocas improvisadas ou escondidos detrás de troncos de árvores caídas.

Um grupo de bandidos apareceu na estrada à nossa frente e o chefe fez sinal para que parássemos. Ele nos olhou com desdém e nos pediu:

□ Para onde estão indo os cavaleiros?

□ Para uma região em outros campos acima – respondi com firmeza. – Estamos apenas de passagem e viemos em paz. Os senhores não se preocupem que não faremos nada que vá de encontro aos seus interesses.

□ Para passar por esta estrada, mocinha, tem que pagar pedágio – afirmou o malfeitor que era um homem que aparentava quarenta anos.

□ Em qualquer estrada do mundo onde passamos não pagamos pedágio – disse-lhe com determinação. – Não será aqui que pagaremos qualquer tributo.

□ Então não passarão deste ponto – asseverou o chefe do bando. – Quem manda neste pedaço sou eu e quero ver quem passa sem a minha ordem.

□ Se é assim, pedimos a sua permissão para passar pela estrada – solicitei com educação. – Estamos aqui só de passagem e não queremos bronca com ninguém.

□ Quero que deixem dez cavalos, vinte espadas e dez fuzis – concluiu o chefe do bando, com um sorriso de mofo que me causou indignação.

□ Nunca deixamos nossos cavalos, armas e apetrechos em qualquer lugar e não será hoje que deixaremos – disse-lhe com voz de quem não está mais para conversa. – Abram caminho para que nossa comitiva passe.

O chefe fez sinal aos bandoleiros que estavam logo atrás e eles fizeram menção de nos atacar com espingardas, espadas e lanças. Não deu tempo de pensar em o que fazer, pois quando viram a coluna de nossos cavaleiros disparou em frente em galope alucinante, fazendo vibrar a terra sob os cascos dos cavalos.

A arremetida foi forte e certa e quando os malfeitores se deram conta estavam se jogando para a beira da estrada, caindo no meio do capim, rolando pelas ribanceiras, estatelando-se, lá embaixo, na ravina.

A galope passamos pelo local demarcado pelos malfeitores como de pedágio e seguimos em frente no rumo norte em busca da estrada que nos levaria até o forte. Trinta minutos depois chegamos à encruzilhada onde seguimos pela esquerda até começarmos a encontrar os charcos onde os Espíritos sofredores pagavam suas penas.

[Continuar...](#)